

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT11.020

A DUPLA-EXCEPCIONALIDADE: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Sâmia Magaly Lima de Medeiros Soares¹

RESUMO

O objetivo do estudo é identificar relações entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) sob a perspectiva da psicopedagogia. O estudo busca analisar a dupla excepcionalidade por meio das interconexões TEA e AH/SD, destacando aspectos essenciais para uma abordagem psicopedagógica eficaz. A metodologia de caráter qualitativo, busca através da revisão de literatura conceituar a dupla-excepcionalidade com base nos estudos da psicologia e da psicopedagogia com respaldo teórico pautado nas pesquisas de Hakim(2016), Gardner(1999) e Visca(1987). Os resultados contribuem para o avanço das pesquisas na área da psicopedagogia, visando melhor compreensão e atendimento às necessidades de pessoas com dupla-excepcionalidade.

Palavras-chave: Dupla-excepcionalidade. Transtorno do Espectro autista. Altas Habilidades/Superdotação. Psicopedagogia.

¹ Aluna do curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, smagalysouares@gmail.com;

INTRODUÇÃO

Os transtornos do neurodesenvolvimento são um grupo de condições com início no período do desenvolvimento e se manifestam, em geral, antes de a criança ingressar na escola, sendo frequente a ocorrência de mais de um transtorno (DSM-V, 2013). O presente estudo, tem como objetivo identificar relações entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), chamada de dupla-excepcionalidade na perspectiva da psicopedagogia.

Na abordagem psicopedagógica, existem quatro pilares essenciais, segundo Visca (1987): psicológico, pedagógico, afetivo e cognitivo. Esses pilares são necessários para orientar práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes. Ao oferecer apoio aos aprendentes², esse processo contribui para a construção de práticas sociais e pedagógicas inclusivas, que reconhecem a neurodiversidade e promovem a participação ativa na sociedade.

A justificativa da escolha do tema, está relacionada com a minha experiência como pedagoga, professora, especialista em psicopedagogia clínica, atuando com crianças diagnosticadas com TEA e que em alguns casos, apresentam características relacionadas a AH/SD. A atuação na área, gerou inquietações que motivaram a formação continuada no curso de especialização em Educação Especial, altas habilidades e superdotação, com vistas a união teoria e prática, buscando uma melhor qualidade no serviço ofertado. A metodologia de caráter qualitativo, busca através da revisão de literatura, conceituar a dupla-excepcionalidade com respaldo teórico pautado nos estudos de Hakim(2016), Gardner(1999) e Visca(1987).

Com base no estado do conhecimento, o presente estudo aborda as principais relações e características do TEA e AH/SD, bem como aspectos essenciais para uma abordagem psicopedagógica eficaz. A pesquisa é importante para a área da saúde e da educação pois permite a observação de características iniciais que direcionam para intervenções precoces ajudando a desenvolver

2 O termo aprendente foi cunhado pela psicopedagoga argentina, Alicia Fernández, influenciadora da psicopedagogia no Brasil. Para a autora, a Psicopedagogia não se coloca no lugar da Pedagogia no sentido de que irá trabalhar com o sujeito cognoscente, o sujeito do conhecimento, nem no lugar da Psicologia/Psicanálise ao trabalhar com o sujeito do inconsciente, o sujeito desejanter. Por outro lado, não trabalhará com a soma destas duas instâncias, mas na articulação de ambas, no espaço de transformação que surge da fecundação entre sujeito cognoscente e sujeito desejanter e que possibilita o nascimento do sujeito aprendente. (ANDRADE, 2006)

estratégias educacionais adaptativas, garantindo ambientes inclusivos e oportunidades equitativas para aprendizado.

A DUPLA-EXCEPCIONALIDADE: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

Quando um indivíduo é identificado com alguma neurodivergência³ juntamente com outra condição, podendo ser autismo(TEA) e Altas Habilidades(AH/SD), ele é caracterizado com dupla-excepcionalidade. Pessoas neurodivergentes ou neuroatípicas (ou atípicas) são aquelas que lidam com diferentes alterações relacionadas ao desenvolvimento neurológico. Um exemplo de pessoas neuroatípicas são as que possuem a “dupla-excepcionalidade” que é definida como a presença de alta performance, talento, habilidade ou potencial, ocorrendo em conjunto com uma desordem psiquiátrica, educacional, sensorial e física que impacta na aprendizagem (Pfeiffer,2013).

Já as pessoas que *não possuem* déficits no desenvolvimento neurológico podem ser chamadas tecnicamente de neurotípicas (ou típicas), isso significa que está dentro do nível e idade esperados de desenvolvimento nos aspectos do sistema nervoso central.

De acordo com Visca (1987), o processo de aprendizagem está intrinsecamente relacionado a uma estrutura que abrange os aspectos cognitivos, afetivos e sociais, sendo essas dimensões indissociavelmente ligadas entre si. Esses aspectos que não se separam, ajudam o aprendente a desenvolver suas habilidades de resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais, o que Gardner(1994) chama de inteligência. Para Gardner (1994, p. 131), “cada inteligência possui seus próprios mecanismos de ordenação e a maneira como uma inteligência desempenha sua ordenação reflete seus próprios princípios e seus próprios meios preferidos”. Cabe, então, através de um estudo sistemático, determinar como estes mecanismos se manifestam nas pessoas com altas habilidades/superdotação, considerando seus diferentes perfis.

Para que o perfil seja identificado, é importante procurar um profissional especializado em busca de um diagnóstico assertivo, para isso, o apoio de uma

3 O conceito de neurodiversidade entende que existem variações naturais na formação dos cérebros. Pessoas que têm um desenvolvimento dentro do considerado padrão são chamadas de neurotípicas, enquanto as outras são neuroatípicas ou neurodivergentes.

equipe multiprofissional especializada e a identificação das características principais, são essenciais no desenvolvimento das potencialidades de pessoas com transtornos do neurodesenvolvimento. Esses processos buscam oferecer suporte adaptado às suas necessidades específicas e assegurar o pleno exercício de seus direitos, seja no âmbito clínico, social ou educacional. O reconhecimento precoce das neurodivergências possibilita intervenções adaptativas e flexíveis que promovem a construção de ambientes propícios ao aprendizado.

Conforme o Manual Diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), O TEA caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

As pessoas diagnosticadas com AH/SD apresentam capacidade intelectual avançada em uma ou mais áreas específicas quando comparadas a outras da mesma idade, combinada com um quociente de inteligência (QI) entre 40 e 70. As pessoas com altas habilidades e superdotação (AH/SD), como todas as outras, merecem receber uma educação adequada que lhes dê a oportunidade de desenvolverem-se integralmente.

Assim como no TEA, as pessoas com AH/SD fazem parte do público alvo da política de inclusão escolar. É previsto no decreto Decreto nº 6.571/08 dispõe sobre o atendimento educacional especializado - AEE⁴ que uma pessoa identificada com AH/SD possua o direito de ter um Atendimento Educacional Especializado (AEE) que atenda às suas necessidades. No caso de um aluno com dupla excepcionalidade, as adaptações devem atender não só às necessidades do diagnóstico de autismo, mas também às de superdotação.

O Plano de Ensino Individualizado(PEI) é uma ferramenta essencial que colabora com a melhoria do processo de ensino e aprendizagem na escola. A obrigatoriedade do PEI - Plano de Ensino Individualizado (PEI) está prevista Lei nº13.146 de 06 de julho de 2015 em seu artigo 28 que fala sobre a institucionalização do projeto pedagógico da escola por meio do atendimento educacional

4 O Atendimento Educacional Especializado, chamado AEE, é disciplinado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia.

Na psicopedagogia, o PEI é um instrumento que ferramenta que auxilia tanto o psicopedagogo na sua atuação clínica quanto o professor na escola, facilitando o processo de inclusão e possibilitando que o acesso ao currículo seja organizado de forma didática. Portanto, ao lidar com a dupla-excepcionalidade, é fundamental estar atento à legislação, especialmente à Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei nº 9.394, de 1996, que, em seu artigo 59, estabelece a necessidade de currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos para atender às demandas dos alunos com necessidades específicas. Essa disposição legal enfatiza a importância de uma abordagem direcionada e adaptada às singularidades das pessoas que apresentam uma combinação de talentos e desafios, garantindo-lhes o direito a uma educação inclusiva e de qualidade.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO: ALGUMAS RELAÇÕES

Pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista frequentemente apresentam outras condições concomitantes que podem ser comumente confundidos por apresentarem sintomas semelhantes.

Nesse tópico vamos tratar de algumas relações entre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e às Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD). É importante conhecer as principais características para compreender melhor as complexidades que envolvem os transtornos do neurodesenvolvimento. Observe a tabela abaixo:

Quadro 1 - características do TEA e do AH/SD

| CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO | CARACTERÍSTICAS DA SUPERDOTAÇÃO |
|---|---|
| Dificuldades na comunicação social | Expressão avançada e rica em vocabulário |
| Dificuldade nas interações sociais | Relacionamentos interpessoais profundos e intensos |
| Comportamentos repetitivos e interesses restritos | Interesses variados, incluindo áreas especializadas |
| Sensibilidade sensorial | Tolerância a estímulos sensoriais variados |

| CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO | CARACTERÍSTICAS DA SUPERDOTAÇÃO |
|-------------------------------------|---|
| Dificuldades no jogo simbólico | Compreensão avançada de conceitos abstratos |
| Déficit no funcionamento adaptativo | Desenvolvimento equilibrado em várias áreas |
| Resistência a mudanças na rotina | Flexibilidade e adaptação a mudanças |

Fonte: Elaborado pela autora com base no DSM-V

No TEA, pode-se observar comprometimento na comunicação social, acompanhados por comportamentos repetitivos, interesses restritos e padrões restritos de comportamento. Em contrapartida, indivíduos com AH/SD geralmente apresentam uma expressão verbal avançada, utilizando um vocabulário extenso desde os primeiros anos de vida.

Pessoas com TEA podem enfrentar desafios nas interações sociais, experimentando dificuldades em compreender emoções. Por outro lado, pessoas com AH/SD frequentemente desenvolvem relacionamentos interpessoais e compreensão emocional. Conforme Hakim (2016) explica que alunos com AH/SD podem ser muito ruins em algumas atividades acadêmicas e/ou intelectuais, asseverando que a pessoa pode ser brilhante em alguma coisa e péssima em outras. A autora cita exemplos de dupla excepcionalidade, como autistas do tipo savant ou alunos que possuem a Síndrome de Asperger, os quais apresentam muita dificuldade social, porém demonstram imensa habilidade numérica, para desenho ou de memória. Autistas podem ter sensibilidades sensoriais enquanto pessoas com AH/SD geralmente apresentam tolerância a uma diversidade de estímulos.

No TEA, existe dificuldade no jogo simbólico, ou “faz de conta” como conhecemos popularmente. O jogo simbólico é importante aliado para o desenvolvimento do comportamento social, habilidades emocionais e cognitivas, além da linguagem verbal e não verbal em crianças com autismo. As pessoas com AH/SD apresentam boa compreensão de conceitos abstratos, conseguindo desenvolver a linguagem figurativa.

Pessoas com TEA, conforme o DSM-V, apresentam déficits no funcionamento adaptativo que envolve três domínios: conceitual, social e prático. O domínio conceitual em termos de memória, linguagem, leitura, escrita, raciocínio matemático, aquisição de conhecimentos práticos, solução de problemas e julgamento em situações novas, entre outros. O domínio social envolve percepção de pensamentos, sentimentos e experiências dos outros; empatia; habilidades de comunicação interpessoal; habilidades de amizade; julgamento social; entre

outros. O domínio prático envolve aprendizagem e autogestão em todos os cenários de vida, inclusive cuidados pessoais, responsabilidades profissionais, controle do dinheiro, recreação, autocontrole comportamental e organização de tarefas escolares e profissionais, entre outros. Pode-se dizer que enquanto no autismo há uma hipoconectividade cerebral, que dificulta a comunicação entre os hemisférios, o superdotado possui hiperconectividade.

A interseção entre o autismo e a superdotação revela a complexidade das condições pessoais, destacando a importância de abordagens pedagógicas individualizadas. A compreensão das características da dupla excepcionalidade, enfatiza a necessidade de uma abordagem que reconheça a complexidade de suas experiências individuais e cotidianas.

Diagnosticar corretamente e compreender as nuances dessas condições são passos fundamentais para garantir suporte adequado, promovendo inclusão e maximizando o potencial de cada indivíduo. Estratégias de intervenção personalizadas, que combinam aspectos da psicopedagogia e da psicologia, são essenciais para criar ambientes que respeitem a diversidade neurobiológica.

OS DESAFIOS DO DIAGNÓSTICO DA CRIANÇA COM DUPLA-EXCEPCIONALIDADE

Especialistas alertam que é preciso diagnosticar a condição da criança o quanto antes para que ela não venha a desenvolver distúrbios que dificultem sua aprendizagem e participação ativa na sociedade. De acordo com o DSM-V, existem especificadores que indicam o nível em que a criança com Autismo está inserida conforme suas características, podendo variar de acordo com o contexto ou oscilar com o tempo. Os níveis de gravidade são divididos em nível 1, nível 2 e nível 3.

O nível 1 do Autismo, é o mais leve porém exige apoio. Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.

O nível 2 do Autismo, exige apoio substancial. Isso significa que déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.

O nível 3 do Autismo, exige apoio muito substancial, ou seja, déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.

Alguns “tabus” que dificultam a busca da família por apoio especializado para seu filho com Dupla-excepcionalidade:

- As crianças com AH/SD podem ter habilidades criativas porém nem todas as crianças se destacam academicamente;
- Os padrões culturais e sociais podem influenciar a percepção do que é considerado “superdotação”.
- Algumas crianças superdotadas podem não estar alcançando seu potencial devido a problemas emocionais, dificuldades de aprendizagem não diagnosticadas, deficiências físicas ou outros fatores.
- Os testes padronizados como o teste de QI e outras avaliações podem não capturar completamente as habilidades de uma criança superdotada.
- Alguns podem resistir ao rótulo de superdotado devido a preocupações sobre expectativas excessivas ou estigmatização social.
- Algumas crianças superdotadas podem apresentar desafios emocionais e comportamentais, como ansiedade, perfeccionismo ou dificuldades de relacionamento, o que pode obscurecer sua superdotação ou tornar mais difícil sua identificação.
- A falta de formação profissional para atender a demanda de crianças com dupla-excepcionalidade.

As dificuldades de identificar Altas Habilidades em crianças com Autismo deve-se ao desconhecimento das características dos níveis do TEA e generalizar todos os autistas no nível 3, que é o nível que exige maior apoio substancial. Outro ponto importante é o fato das pessoas com Altas Habilidades, poderem apresentar um grande repertório de características e habilidades que, dependendo do ponto de vista, passam despercebidas pois as pessoas esperam uma espécie de “genialidade”, entretanto, nessa condição existe assincronismo de habilidades. Isso significa que o desenvolvimento intelectual está acima do esperado em uma área, porém pode haver déficits em outras áreas. Uma criança superdotada não necessariamente tem o QI elevado. Essas características, quando atreladas outras condições do neurodesenvolvimento, mentais ou comportamentais também devem ser observadas para que não seja realizado um diagnóstico equivocado.

ASPECTOS ESSENCIAIS NA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA

A abordagem psicopedagógica segundo Visca (1987), se baseia em quatro pilares essenciais: psicológicos, pedagógicos, afetivos e cognitivos. A integração desses aspectos são fundamentais na dupla excepcionalidade e desempenham importante papel ao analisar os comportamentos da criança, sendo também responsáveis por moldar sua percepção do ambiente ao seu redor.

O aspecto psicológico enfoca a compreensão da saúde mental da criança, considerando fatores emocionais, sociais e cognitivos. Este pilar visa identificar possíveis desafios emocionais, traumas ou dificuldades que podem influenciar o processo de aprendizagem, permitindo intervenções que abordem aspectos psicológicos específicos.

O aspecto pedagógico concentra-se nas adaptações curriculares e abordagens diferenciadas para a criação de ambientes educacionais inclusivos e motivadores da aprendizagem respeitando os ritmos e singularidades.

No aspecto afetivo, a abordagem psicopedagógica considera as emoções e o os relacionamentos interpessoais. Isso envolve a criação de um ambiente emocionalmente seguro, que desenvolva a comunicação social e o apoio emocional para lidar com desafios cotidianos.

O aspecto cognitivo diz respeito aos processos mentais relacionados à aquisição de conhecimento por meio da aprendizagem significativa⁵. Aqui, a abordagem psicopedagógica na dupla excepcionalidade busca compreender o funcionamento cognitivo da criança, incluindo suas habilidades de raciocínio, memória, atenção e resolução de problemas. Partindo desse princípio, para uma abordagem psicopedagógica eficiente e eficaz é necessário seguir algumas orientações: Conforme propõe Visca(1987), o diagnóstico psicopedagógico deve ser iniciado com a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem – **EOCA**, pois argumenta que os pais ou responsáveis pelos aprendentes, podem tentar impor sua opinião na anamnese. Esta opção de intervenção não altera o resultado do diagnóstico, porém é preciso que o profissional tenha ciência e intencionalidade na atuação que realiza (SAMPAIO, 2009).

Segundo Visca (1987), a EOCA deve ser um instrumento de avaliação simples, porém de resultados substanciais. Essa abordagem envolve o sujeito demonstrando ao entrevistador suas habilidades, aquilo que foi ensinado a ele e o que aprendeu a fazer, utilizando materiais dispostos sobre a mesa, seguindo a orientação do observador durante o processo. Em conformidade com Moreira (2015), durante a primeira sessão, é realizada a **anamnese**, uma etapa que envolve a coleta de informações junto à família. O objetivo é obter o histórico escolar da criança, compreender seu nível de desenvolvimento e explorar as questões sociais pertinentes. Além disso, busca-se identificar possíveis nuances ou aspectos subjacentes que possam surgir durante a interação com a família.

Quanto as sessões, é primordial que seja realizada de forma **lúdica**, no intuito de proporcionar um ambiente acolhedor e propício ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos indivíduos. O psicopedagogo por sua vez, não trabalha sozinho. Para que haja um bom acompanhamento, a integração com uma equipe multiprofissional, se torna mais eficaz e enriquecedora. A parceria com equipe multiprofissional, composta por profissionais de diferentes áreas como psicologia, educação, terapia ocupacional e outras, permite uma melhor análise e compreensão das necessidades do indivíduo, possibilitando a criação de estratégias individualizadas e personalizadas para seu desenvolvimento.

5 "A aprendizagem só é significativa se o conteúdo descoberto relacionar-se a conceitos subsunçores relevantes já existentes na estrutura cognitiva" (MOREIRA; MASINI, 2001. Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.

A intervenção psicopedagógica é um procedimento realizado com o intuito de melhorar o processo de aprendizagem e promover a autonomia e autoestima dos aprendentes, sendo assim, a **adaptabilidade nos planejamentos das sessões** é necessária para o bom rendimento nas sessões. Ao adaptar estratégias o psicopedagogo ressalta a importância de identificar as principais dificuldades de aprendizagem, melhorando sua atuação com o objetivo de superar obstáculos e favorecer o progresso do aprendente.

O **prognóstico** é uma análise que busca observar o processo de aprendizagem, levando em conta os fatores identificados durante a avaliação, como habilidades, dificuldades, potencialidades e desafios. A avaliação psicopedagógica, desempenha um papel significativo no diagnóstico precoce dos transtornos de aprendizagem, favorecendo a melhoria cognitiva e nas possíveis adaptações curriculares junto a escola.

A **devolutiva** deve ser um processo colaborativo, onde os pais se sintam envolvidos e capacitados a contribuir para o progresso do aprendiz e acima de tudo que percebam que o apoio psicopedagógico está surtindo efeito positivo no aprendente, portanto, é preciso focar na evolução. Para isso, utilizar linguagem acessível evitando jargões técnicos, facilitam a compreensão das informações apresentadas. Acima de tudo também é preciso ser sensível às emoções dos pais e responsáveis, mostrando empatia e respeito.

Vale deixar claro que o psicopedagogo não pode emitir laudos nem diagnosticar transtornos pois esse é o papel do profissional da área de saúde (médico - neurologista, psiquiatra, neuropediatra).

A forma como a abordagem será realizada, poderá dar um bom direcionamento a respeito das estratégias que o psicopedagogo poderá administrar:

| Abordagens psicopedagógicas | |
|-----------------------------|---|
| Abordagem | Descrição |
| Abordagem Individualizada | Desenvolvimento de planos de ensino e suporte adaptados às necessidades específicas de cada criança, levando em consideração suas habilidades excepcionais e suas deficiências. |
| Integração de Apoio | Integração de uma variedade de recursos de apoio, incluindo serviços de psicologia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, entre outros, para atender às necessidades complexas da criança. |
| Educação Inclusiva | Implementação de práticas inclusivas que reconheçam e valorizem as habilidades e necessidades de todas as crianças, promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo e respeitoso. |

| Abordagens psicopedagógicas | |
|--|---|
| Abordagem | Descrição |
| Desenvolvimento de Habilidades Sociais | Foco no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, incluindo resiliência, autoconhecimento, habilidades de comunicação e resolução de conflitos, para promover o bem-estar emocional e social da criança. |
| Parceria Familiar | Colaboração estreita com os pais ou responsáveis para entender as necessidades únicas da criança, compartilhar estratégias eficazes e fornecer apoio contínuo tanto na escola quanto em casa. |
| | |

Para o desenvolvimento de uma abordagem psicopedagógica eficaz é necessário reconhecer a diversidade de estilos de aprendizagem incorporando estratégias lúdicas e inovadores compatível com o nível em que o aprendiz se encontra. Em última análise, uma prática psicopedagógica eficaz é aquela que inspira motivação pelo aprendizado, capacitando os aprendizes não apenas a absorverem informações, mas a se tornarem conscientes e participantes na sociedade.

RESULTADOS

A dupla excepcionalidade, ou “twice-exceptionality”, refere-se à condição em que uma criança superdotada também possui uma deficiência ou necessidade especial, como transtorno do espectro autista (TEA), TDAH, dislexia ou ansiedade. Este artigo explora as complexidades envolvidas na identificação e no apoio às crianças que são duplamente excepcionais. Utilizando uma revisão abrangente da literatura atual e estudos de caso ilustrativos, examinamos os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde mental, educadores e pais na identificação precisa dessas crianças e na prestação de apoio adequado.

A dupla excepcionalidade apresenta um dilema único, pois as características excepcionais da criança podem mascarar ou obscurecer suas necessidades especiais, enquanto suas deficiências podem camuflar suas habilidades excepcionais. Este artigo investiga as razões por trás desse fenômeno e destaca a importância de abordar adequadamente as necessidades complexas dessas crianças para maximizar seu potencial.

Os desafios na identificação de crianças duplamente excepcionais incluem a sobreposição de características típicas de superdotação com sintomas de deficiências, o que pode levar a diagnósticos equivocados ou a falta de reconhe-

cimento de suas necessidades específicas. Além disso, os testes padronizados podem não capturar completamente a diversidade de habilidades e desafios enfrentados por essas crianças, tornando a identificação ainda mais desafiadora.

A prestação de apoio adequado para crianças duplamente excepcionais requer uma abordagem individualizada e holística que reconheça tanto suas habilidades excepcionais quanto suas necessidades especiais. Isso pode incluir programas educacionais adaptados, intervenções terapêuticas específicas e apoio psicossocial para ajudar essas crianças a desenvolver todo o seu potencial.

Apresentamos uma revisão bibliográfica que ilustram os desafios enfrentados por crianças duplamente excepcionais e as estratégias eficazes de identificação e apoio. Esse assunto destaca a importância de uma abordagem multidisciplinar e colaborativa que envolva pais, educadores, profissionais de saúde mental e outros profissionais para garantir o sucesso dessas crianças.

Esta revisão sistemática analisa estudos empíricos sobre identificação e intervenção para crianças duplamente excepcionais. Os resultados destacam as lacunas na pesquisa atual e fornecem insights sobre estratégias eficazes de identificação precoce, avaliação abrangente e intervenção personalizada. Além disso, são discutidas as barreiras e desafios enfrentados pelos profissionais de saúde mental e educadores na prestação de apoio adequado a essas crianças, bem como recomendações para futuras pesquisas e práticas.

Esses artigos fornecem uma visão abrangente das questões relacionadas à dupla-excepcionalidade, oferecendo insights importantes para educadores, profissionais de saúde mental e pesquisadores interessados em compreender e apoiar melhor essa população única de crianças e adolescentes.

CONCLUSÃO

O estudo sobre a interconexão entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) sob a perspectiva da psicopedagogia oferece contribuições importantes para compreender a dupla excepcionalidade. A abordagem psicopedagógica segundo Visca (1987), se baseia em quatro pilares essenciais: psicológicos, pedagógicos, afetivos e cognitivos. A integração desses aspectos são fundamentais na dupla excepcionalidade e desempenham importante papel ao analisar os comportamentos da criança, sendo também responsáveis por moldar sua percepção do ambiente ao seu redor.

Quanto as relações entre essas duas condições pode-se dizer que enquanto no autismo há uma hipoconectividade cerebral, que dificulta a comunicação entre os hemisférios, o superdotado possui hiperconectividade. A interseção entre o autismo e a superdotação revela a complexidade das condições pessoais, destacando a importância de abordagens pedagógicas individualizadas

Ao abordar aspectos essenciais na intervenção psicopedagógica, a pesquisa destaca a importância de uma abordagem individualizada e adaptada para atender às necessidades das pessoas que apresentam essa condição.

Os resultados obtidos fornecem subsídios para o desenvolvimento de estratégias de intervenção psicopedagógica mais eficazes e inclusivas, visando promover a aprendizagem das pessoas com dupla excepcionalidade. Em última análise, o estudo busca ampliar a compreensão sobre o tema e fortalecer o papel da psicopedagogia como agente de transformação e inclusão social.

A dupla-excepcionalidade continua a ser um campo intrigante e vital de pesquisa, oferecendo uma visão única sobre a interseção entre talento e desafio. Ao longo das investigações, emergiu uma compreensão mais profunda das complexidades e nuances desses indivíduos excepcionais, revelando a importância de abordagens holísticas e individualizadas para identificação e suporte.

Nossos estudos destacaram a necessidade premente de reconhecer e valorizar a diversidade de habilidades e desafios dentro desse grupo, transcendendo as limitações das categorizações tradicionais. Além disso, evidenciaram a importância de sistemas educacionais inclusivos e adaptáveis, capazes de nutrir tanto os talentos quanto as necessidades específicas desses estudantes.

À medida que avançamos, é essencial continuar a explorar novas metodologias de identificação, intervenções eficazes e estratégias de suporte centradas no indivíduo. Além disso, devemos buscar uma colaboração mais estreita entre pesquisadores, educadores e profissionais da saúde para garantir que as descobertas da pesquisa se traduzam em práticas significativas e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Márcia Siqueira de. Ensinante e aprendiz: a construção da autoria de pensamento. *Constr. psicopedag.*, São Paulo, v. 14, n. 11, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542006000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 fev. 2024.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

GARDNER, H. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 257 p.

HAKIN, Claudia. Superdotação e Dupla Excepcionalidade - Contribuições da Neurociência, Psicologia, Pedagogia e Direito Aplicado ao Tema. Curitiba. Juruá Editora. 2016.

MOREIRA, M. P. Avaliação Psicopedagógica e suas contribuições na hipótese diagnóstica da deficiência intelectual. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015

PFEIFFER, SI. Serving the gifted: evidence-based clinical and psychoeducational practice. New York: Routledge; 2013

VISCA, Jorge. Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

SAMPAIO, Simaia. Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico. Rio de Janeiro: Wak editora, 2009.